



Universidade de Brasília

Faculdade UnB de Planaltina – FUP

**O PAPEL DAS FEIRAS DE SEMENTES CRIOULAS NA CONSERVAÇÃO ON
FARM DA AGROBIODIVERSIDADE: O CASO DA IX FEIRA KRAHÔ DE
SEMENTES TRADICIONAIS**

CLARA SALES DE MORAES

Planaltina - DF
2017



Universidade de Brasília
Faculdade UnB de Planaltina – FUP

**O PAPEL DAS FEIRAS DE SEMENTES CRIOULAS NA CONSERVAÇÃO ON
FARM DA AGROBIODIVERSIDADE: O CASO DA IX FEIRA KRAHÔ DE
SEMENTES TRADICIONAIS**

CLARA SALES DE MORAES

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade de Brasília como parte dos requisitos para
obtenção do título de bacharel em Gestão Ambiental.

Orientadora: Dra. Mônica Celeida Rabelo Nogueira

Coorientadora: MsC. Terezinha Dias

Planaltina - DF
2017

FICHA CATALOGRÁFICA

MORAES, Clara Sales de.

O papel das feiras de sementes crioulas na conservação on farm da agrobiodiversidade: o caso da IX Feira Krahô de Sementes Tradicionais/ Clara Sales de Moraes. Planaltina - DF, 2017. 46 f.

Monografia (Graduação) - Faculdade UnB Planaltina, Universidade de Brasília.

Curso de Bacharelado em Gestão Ambiental.

Orientadora: Mônica Celeida Rabelo Nogueira / Coorientadora: Terezinha Dias.

1. [Agrobiodiversidade] 2. [Conservação on farm] 3. [Feiras de sementes] 4. [Segurança alimentar] 5. [Sementes crioulas] I. [Moraes], [Clara Sales de]. II. Título.

CLARA SALES DE MORAES

**O PAPEL DAS FEIRAS DE SEMENTES CRIOULAS NA CONSERVAÇÃO ON
FARM DA AGROBIODIVERSIDADE: O CASO DA IX FEIRA KRAHÔ DE
SEMENTES TRADICIONAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade UnB Planaltina (FUP),
Universidade de Brasília (UnB) como requisito parcial à obtenção do título de
bacharel em Gestão Ambiental.

Banca Examinadora:

Planaltina-DF, 30 de janeiro de 2017.

Dra. Mônica Celeida Rabelo Nogueira (Orientadora)

MSc. Terezinha Aparecida Borges Dias, Embrapa Recursos Genéticos e
Biotecnologia (Coorientadora)

Dra. Juliana Rochet Wirth Chaibub
(Examinadora interna)

Dra. Maira Smith
(Examinadora externa)

Dedico este trabalho à minha amada mãe, Glória, amada irmã, Glaucia, e amada avó, Dona Lila, as grandes mulheres que me criaram e tornaram possível minha maravilhosa jornada na Terra. Dedico às minhas orientadoras pelo carinho, apoio e por me apresentarem o inspirador mundo do indigenismo. Carinhosamente, dedico ao povo Krahô, os mais alegres “guardiões da agrobiodiversidade”.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos bons ventos da vida que me levaram aos lugares certos nas horas certas e me proporcionaram lindas experiências. Às forças da natureza, que em todas as suas formas, me presenteou os olhos com as mais belas paisagens e expressões de vida.

À minha mãe, Glória, que trabalhou duro toda a vida para criar a mim e minha irmã, e nos deu um lar de muito amor, cuidado e alegria. Uma mulher que, em sua generosidade, sempre cuidou dos animais e das pessoas ao seu redor, me ensinando que a verdadeira riqueza está na simplicidade da vida.

À minha irmã, Glaucia, por ser minha segunda mãe e por, desde sua infância, me ter em seus cuidados. Obrigada por tudo que dedicou (e abdicou) na tarefa de irmã. Fomos (e somos) felizes em toda nossa forma doida de amar. Uma mulher incrivelmente forte e guerreira, mana querida.

À Mônica Celeida Rabelo Nogueira, minha querida orientadora, que me abriu as portas e inspirou para o trabalho com povos indígenas. Que a vida lhe retribua em incontáveis alegrias por toda sua generosidade, paciência e dedicação às pessoas e à sua profissão.

À Terezinha Dias, minha, também, querida orientadora, que me recebeu com tanto carinho na Embrapa, me apresentou aos Krahô, proporcionou inúmeras oportunidades de aprendizado e sem a qual este trabalho não se tornaria realidade. Uma pessoa generosa, atenciosa e dedicada, que tenho imensa admiração.

Aos Krahô, em especial a cacica Onorina Krahô, por me receberem em seu território e por realizarem a maravilhosa missão de conservar as sementes crioulas.

À Embrapa Cenargen pela oportunidade de estágio. À Larissa Castro, amiga de graduação e estágio, que foi companheira de sala e de viagens repletas de histórias e risadas, e pelo auxílio nesta pesquisa. À Nadi Santos, companheira de sala e viagens, pelo apoio nesta pesquisa e pelas ótimas conversas. Ao colega, Aguinar Santos, pelo apoio nesta experiência e por descontrair nossas viagens de campo. À Marília Lobo Burle, que muito generosa e atenciosamente me orientou nesse período e me ofereceu a oportunidade de trabalhar com a fava.

Aos meus queridos amigos Alex, Paulinha e Dai Di Brito, por toda força, companheirismo e por sempre estarem vibrando e torcendo pelo parto desta

pesquisa. A todas e todos os amigos de FUP, pelas vivências e bons momentos ao longo da graduação.

“O saber a gente aprende com os mestres e com os livros.
A sabedoria se aprende com a vida e com os humildes.”

Cora Coralina

Sumário

1. INTRODUÇÃO	12
1.1. A conservação ex situ e in situ/on farm da agrobiodiversidade.....	15
1.2. Políticas públicas de incentivo à conservação dos recursos da agrobiodiversidade no Brasil	17
1.3. Histórico das Feiras Krahô de Sementes Tradicionais – TO.....	22
1.3.1. <i>O povo Krahô e os aspectos da sua agricultura tradicional</i>	<i>24</i>
1.3.2. <i>A participação da Embrapa na IX Feira Krahô de Sementes Tradicionais</i>	<i>26</i>
2. METODOLOGIA	28
3. RESULTADOS E DISCUSSÃO	30
3.1. IX Feira Krahô de Sementes Tradicionais.....	30
3.1.1. <i>Perfil dos participantes da IX Feira Krahô de Sementes Tradicionais</i>	<i>32</i>
3.1.2. <i>Variedades agrícolas identificadas na IX Feira Krahô de Sementes Tradicionais</i>	<i>36</i>
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
REFERÊNCIAS.....	44
ANEXOS	48
APÊNDICES	50

RESUMO

A agrobiodiversidade é essencial à segurança alimentar e nutricional dos povos indígenas e comunidades tradicionais. Atualmente, no âmbito das políticas públicas pode-se notar um crescimento no incentivo a estratégias que busquem a valorização e conservação dos recursos da agrobiodiversidade no Brasil, como as feiras de sementes. A fim de demonstrar o papel das feiras de sementes na conservação *on farm* (na roça) da agrobiodiversidade, o presente trabalho tem como objetivo apresentar o resultado do levantamento dos participantes e das espécies agrícolas, realizado na IX Feira Krahô de Sementes Tradicionais, através da quantificação e análise do fluxo e perfil dos participantes das feiras, bem como do fluxo das variedades de sementes e alimentos de origem agrícola levados para troca. A pesquisa foi realizada a partir de viagem de campo a terra indígena (TI) Krahô. O levantamento dos participantes foi realizado através do processo de inscrições e para identificação das variedades agrícolas, foram utilizados métodos participativos de coleta de dados, como a ferramenta intitulada “diálogo semiestruturado”. A IX Feira Krahô foi uma das maiores em termos do número de indígenas participantes, foram inscritos aproximadamente 1000 participantes indígenas e também participantes não indígenas representantes de instituições. Foram identificadas o total de 34 espécies de plantas, das quais 26 são espécies alimentares, totalizando 106 variedades. As feiras de sementes cumprem três importantes papéis, o de conservar a agrobiodiversidade através da circulação de sementes, proporciona espaços de intercâmbio de experiências e conhecimentos entre os agricultores e, também, cumpre um papel demonstrativo. O levantamento dos participantes e variedades representa a principal ferramenta de monitoramento desses encontros, auxiliando para na obtenção de uma visão mais ampla da real contribuição dessas feiras e quais seus impactos na conservação *on farm* da agrobiodiversidade.

Palavras-chave: Feiras de Sementes; Conservação *on farm*; Agrobiodiversidade; Sementes Crioulas; Recursos Genéticos; Terra Indígena Krahô.

ABSTRACT

Agrobiodiversity is essential to the food and nutritional security of indigenous peoples and traditional communities. Currently, in the scope of the public policies one can notice a growth in the incentive to strategies that look for the valorization and conservation of the resources of the agrobiodiversity in Brazil, like the seed fairs. In order to demonstrate the role of seed fairs in the on-farm conservation of agrobiodiversity, the present work aims to present the results of the survey of participants and agricultural species, held at the 9th Krahô Fair of Traditional Seeds, through the Quantification and analysis of the flow and profile of the participants of the fairs, as well as the flow of the varieties of seeds and foods of agricultural origin taken for exchange. The research was carried out from field trip to indigenous land (TI) Krahô. Participants were surveyed through the registration process and for the identification of agricultural varieties, participatory methods of data collection were used, such as the tool titled "semistructured dialogue". The 9th Krahô Fair was one of the largest in terms of number of indigenous participants, about 1,000 indigenous participants and non-indigenous participants were enrolled. A total of 34 plant species were identified, of which 26 are food species, totaling 106 varieties. Seed fairs fulfill three important roles, preserving agrobiodiversity through the circulation of seeds, providing spaces for the exchange of experiences and knowledge among farmers, and also playing a demonstrative role. The survey of the participants and varieties represents the main monitoring tool of these meetings, helping to obtain a broader view of the real contribution of these fairs and their impacts on the conservation on farm of agrobiodiversity.

Keywords: Seed Fair; Conservation on farm; Agrobiodiversity; Seeds Creole; Genetic Resources; Krahô Indigenous Territory.

1. INTRODUÇÃO

No Brasil, existem atualmente 305 povos indígenas e 817,9 mil pessoas que se declaram indígenas, representando 0,4% da população total do Brasil. Do total de indígenas no Brasil, 36,2% residem em área urbana e 63,8% em área rural, muitos dos quais distribuídos em 505 terras indígenas oficialmente estabelecidas (IBGE, 2010).

Para Dias et al. (2015), a agricultura que os povos indígenas realizam reflete o contexto de pluralidade étnica e de práticas culturais tradicionais aonde uma ampla diversidade de espécies agrícolas vem sendo manejada, adaptada e conservada *in situ/on farm* nos seus sistemas agrícolas tradicionais. O contato interétnico (entre indígenas e não indígenas), a fixação de grupos tradicionalmente nômades em territórios limitados e as consequentes mudanças alimentares, têm provocado uma forte perda da agrobiodiversidade e dos conhecimentos a ela relacionados.

Machado et al. (2008) afirmam que a agrobiodiversidade pode ser entendida como o processo de relações e interações do manejo da diversidade entre e dentro de espécies, os conhecimentos tradicionais e o manejo de múltiplos agrossistemas, sendo um recorte da biodiversidade.

Como resultado do manejo da agrobiodiversidade, podemos mencionar o equilíbrio dos cultivos diversificados dentro dos múltiplos agrossistemas, a conservação dos valores culturais e tradicionais e a conservação e o uso de variedades locais e/ou tradicionais. Essas variedades são a base da agricultura familiar e da indígena e constituem uma importante fonte genética de tolerância e resistência para diferentes tipos de estresse e de adaptação aos variados ambientes e manejos locais. Dessa forma, têm um inestimável valor para a humanidade, constituindo a base da soberania alimentar (MACHADO et al., 2008).

Machado et al. (2008) apontam que “variedades crioulas” é um termo utilizado principalmente em países de língua espanhola para designar variedades tradicionais, mas pode ser adotado para variedades locais em determinadas situações, como para aquelas variedades introduzidas em comunidades por menos de 20 anos.

As sementes constituem-se no elemento mais antigo da agricultura, sendo que o conhecimento do homem (técnicas de manejo, seleção, suas

preferências, dentre outros) sempre foi um fator determinante sobre a sua seleção. Pode-se inferir que este conhecimento cultural humano encontra-se na constituição genética das sementes crioulas (MMA, 2006).

Os critérios para a identificação das sementes locais, crioulas ou tradicionais devem ser também definidos pelas próprias comunidades de agricultores, em consonância com suas práticas de manejo, seleção e melhoramento genético e levando-se em consideração a natureza intrínseca e a heterogeneidade genética de tais sementes (Machado et al., 2008).

O Ministério do Meio Ambiente (2006) reconhece que as sementes crioulas, ou variedades de espécies de plantas cultivadas por comunidades indígenas, locais e da agricultura familiar, constituem recursos genéticos de inestimável valor para o desenvolvimento rural e para toda a humanidade. Estas sementes constituem-se no estoque de diversidade genética de praticamente todas as espécies e variedades usadas na agricultura para alimentação humana (mandioca, milho e feijão, dentre outras). Suas principais características são a alta variabilidade genética, a rusticidade e o processo de seleção fortemente influenciado pelos agricultores.

No contexto da segurança alimentar, uma das preocupações de uma parte da sociedade contemporânea planetária tem sido o avanço da produção de alimentos com base na artificialização extrema da natureza (como o uso de sementes modificadas, insumos químicos externos, motomecanização etc.), o que tem produzido efeitos danosos ao meio ambiente e à saúde humana (GOMES & ASSIS, 2013).

Em todo o mundo há pessoas que têm dedicado atenção e trabalho para proteger a biodiversidade agrícola e usá-la com o objetivo de melhorar suas vidas e a vida de outras pessoas. São, por isso, chamadas de “Guardiões da Diversidade”, pessoas cuja paixão pela diversidade está ajudando localmente ou de forma mais ampla na garantia da segurança alimentar de suas populações (GENEFLOW, 2009). Destacam-se nesse papel, os povos indígenas, comunidades tradicionais e pequenos agricultores rurais.

A expansão dos monocultivos é o principal fator responsável pela perda da agrobiodiversidade, que se manifesta sob a forma de diversidade de plantas cultivadas, de ecossistemas agrícolas e de tradições e também de costumes

e práticas associados, que são produzidos e transmitidos por agricultores locais e tradicionais. Por isso, os ecossistemas diversificados de cultivos que promovem o manejo da agrobiodiversidade com enfoque agroecológico devem ser priorizados pelas políticas públicas agroambientais, especialmente em países em desenvolvimento, como o Brasil (MACHADO et al., 2008).

Santilli (2010) afirma que os programas orientados para a conservação *on farm* (desenvolvida localmente por agricultores) devem incluir não só a conservação, mas políticas de valorização e fortalecimento dos sistemas agrícolas locais, como a criação de bancos de sementes locais/comunitários, a realização de feiras de sementes e de programas de melhoramento participativo (realizados em parceria por melhoristas de instituições de pesquisa e agricultores), com o conseqüente fortalecimento da capacidade dos agricultores de desenvolver variedades adaptadas às suas condições socioculturais, econômicas e ecológicas.

A importância da implementação de políticas e programas que visem à conservação dos recursos da agrobiodiversidade, tanto *ex situ*, como especialmente *in situ/on farm*, é reconhecida não somente por pesquisadores, mas também por organismos e tratados internacionais (COSTA, 2013).

É possível identificar no Brasil, nos últimos anos, avanços no campo das políticas públicas direcionadas para os recursos da agrobiodiversidade. Ainda que incipientes, tais políticas representam um passo importante para a promoção da conservação *in situ/on farm* e uso sustentável desses recursos, a garantia da segurança alimentar e a valorização do conhecimento tradicional de pequenos agricultores e povos tradicionais.

Nesse contexto, as feiras de trocas de sementes surgem da preocupação com a contínua extinção das variedades de sementes crioulas. Elas vêm desempenhando o papel fundamental de motivar agricultores indígenas e não indígenas a contribuir para a conservação da agrobiodiversidade e o resgate da alimentação tradicional. Segundo Dias et al. (2008), estas feiras constituem um método para promover a conservação local (*in situ/on farm*) da agrobiodiversidade e que assim fortalecem a segurança alimentar.

Tendo em vista os aspectos técnicos e sociais que abrangem os estudos junto a povos tradicionais, percebe-se a importância de serem incorporadas na pesquisa ferramentas que valorizem a participação de todas/os as/os atores

envolvidos. Segundo Boef e Thijssen (2007), os métodos participativos utilizados vão desde a visualização de campo, até entrevistas e trabalho em grupo. O tema comum é o estímulo ao aprendizado interativo, à troca de conhecimento, e à análise flexível, ainda que estruturada. Compreendendo a relevância desses métodos no levantamento dos dados desta pesquisa, algumas ferramentas participativas foram utilizadas como base metodológica em sua realização.

O presente trabalho tem como objetivo comunicar o resultado de levantamentos das espécies agrícolas e do perfil dos participantes realizados na nona edição da Feira Krahô de Sementes Tradicionais. A pesquisa foi realizada a partir de minha vivência de estágio na Embrapa Recursos Genéticos e Biotecnologia, e visa quantificar, caracterizar e analisar o fluxo de etnias indígenas, comunidades, instituições e não indígenas participantes das feiras, bem como das variedades de sementes e alimentos de origem agrícola (levados para troca), a fim de demonstrar o papel das feiras de sementes na conservação *on farm* da agrobiodiversidade.

1.1. A conservação ex situ e in situ/on farm da agrobiodiversidade

A agrobiodiversidade é essencial à segurança alimentar e nutricional, que consiste na realização do direito de todos ao acesso regular e permanente a alimentos de qualidade, em quantidade suficiente, sem comprometer o acesso a outras necessidades essenciais, tendo como base práticas alimentares promotoras de saúde que respeitem a diversidade cultural e que sejam ambiental, cultural, econômica e socialmente sustentáveis (SANTILLI, 2009).

A manutenção dos recursos vegetais é fundamental para a sobrevivência da humanidade. Os agricultores, ao longo da história humana, foram responsáveis pela domesticação, manejo e conservação das espécies agrícolas, o que garantiu uma ampla diversidade de sementes e plantas cultivadas¹. A conservação dos recursos genéticos² caracteriza-se nas estratégias de conservação *in situ/on farm* (em habitats naturais) e *ex situ* (fora dos habitats naturais).

A conservação *ex situ* de recursos genéticos de plantas ocorre por meio de bancos genéticos, nos quais se armazenam amostras de sementes ou de

¹ A nível mundial existem ao redor de 3000 espécies de plantas com populações domesticadas (Clement, 2007 apud Harlan, 1995).

² O conceito engloba recursos genéticos animais, vegetais e microbianos.

outros materiais reprodutivos de plantas, principalmente, sob condições controladas de temperatura e umidade (COSTA, 2013).

A FAO (Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação)³, no Tratado Internacional sobre Recursos Fitogenéticos para Alimentação e Agricultura (TIRFAA), assinado pelo Brasil em 2002, define que conservação *in situ* “se entende como a conservação dos ecossistemas e habitats naturais e a manutenção e a recuperação de populações viáveis de espécies em seus ambientes naturais e, no caso de espécies vegetais cultivadas ou domesticadas, no ambiente em que desenvolveram suas propriedades características” (BRASIL, 2008).

Derivada da conservação *in situ*, a conservação *on farm* (na roça) é definida como o “manejo sustentável da diversidade genética de variedades agrícolas tradicionais localmente desenvolvidas, associadas a formas e parentes selvagens e desenvolvidas por agricultores dentro de um sistema de cultivo agrícola, hortícola ou agroflorestral tradicional (Maxted et al., 1997 *apud* Clement, 2007).

Além das feiras de sementes, pode-se destacar como uma eficiente estratégia de conservação (*in situ/on farm*) da agrobiodiversidade os bancos locais de sementes. Eles constituem uma estratégia segura para a conservação das variedades locais em uma determinada comunidade ou região. Os bancos representam segurança para os agricultores que estão sujeitos a condições de estresses ambientais como seca, inundações, ataques de insetos, pássaros em virtude dos desequilíbrios ambientais existentes, contaminações pelo fluxo gênico, além de outros fatores nos quais podem ocorrer uma forte e rápida erosão genética em seus recursos genéticos representados por inúmeras variedades locais (COSTA, 2013 *apud* MACHADO & MACHADO, 2009).

Em um banco local de sementes são colecionados germoplasma⁴ de cultivos locais com importantes informações e conhecimentos associados, armazenando, regenerando ou multiplicando segundo as demandas. É uma prática inovadora que conserva as sementes locais e fornece às comunidades de

3 Tradução do nome original “Food and Agriculture Organization of the United Nations”

4 Germoplasma pode ser definido como o conjunto de genótipos de uma espécie, ou seja, é a fonte de variabilidade genética disponível para o melhoramento de plantas (BESPALHOK et al., 2007).

agricultores a continuidade dos processos evolutivos locais e segurança alimentar (COSTA, 2013 *apud* STHAPIT et al., 2007).

As sociedades e comunidades tradicionais, que compreendem os povos indígenas, quilombolas, afrodescendentes, sertanejos, caiçaras, caboclos, extrativistas e, por fim, o campesinato em toda a sua sociodiversidade, caracterizam-se por sua dependência em relação aos recursos naturais (SILVA, 2008 *apud* NODARI; GUERRA, 2015). Por essa relação direta, essas populações destacam-se pelo seu importante papel na conservação de uma ampla diversidade de recursos genéticos vegetais, sendo considerados os verdadeiros “Guardiões da (agrobio)Diversidade” e um dos principais atores na prática da conservação *on farm* realizada diretamente em suas roças.

1.2. Políticas públicas de incentivo à conservação dos recursos da agrobiodiversidade no Brasil

No âmbito das políticas públicas, no contexto brasileiro, algumas se destacam por incentivarem iniciativas que promovem a conservação de recursos genéticos e que se refletem diretamente na segurança alimentar dos povos indígenas, comunidades tradicionais e pequenos agricultores.

Dando visibilidade à importância da conservação *in situ* dos recursos genéticos, através do Decreto Nº 2.519 de 16 de março de 1998, a Convenção sobre Diversidade Biológica (CDB)⁵ foi promulgada no Brasil. Os objetivos dessa Convenção são a conservação da diversidade biológica, a utilização sustentável de seus componentes e a repartição justa e equitativa dos benefícios derivados da utilização dos recursos genéticos, mediante, inclusive, o acesso adequado aos recursos genéticos e a transferência adequada de tecnologias pertinentes, levando em conta todos os direitos sobre tais recursos e tecnologias, e mediante financiamento adequado (SENADO, 2008).

Dito de outro modo, a CDB (BRASIL, 1992), dentre outros tratados internacionais, foi estabelecida com o intuito de chamar a atenção dos governos para a conservação da diversidade e o uso sustentável de seus componentes, através do desenvolvimento de estratégias e ações sustentáveis mais eficientes (COSTA, 2013). Pode ser considerada um “pontapé” para o desenvolvimento de

⁵ A CDB foi assinada pelo Governo brasileiro no Rio de Janeiro, em 05 de junho de 1992.

ações conservacionistas no Brasil. Como medidas gerais para a conservação e a utilização sustentável, consta em seu Artigo 6º:

a) desenvolver estratégias, planos ou programas para conservação e a utilização sustentável da diversidade biológica ou adaptar para esse fim estratégias, planos ou programas existentes que devem refletir, entre outros aspectos, as mediadas estabelecidas nesta Convenção concernentes à Parte interessada; e b) integrar, na medida do possível e conforme o caso, a conservação e a utilização sustentável da diversidade biológica em planos, programas e políticas setoriais ou intersetoriais pertinentes. (SENADO, 2008)

Londres (2014) apresenta um sucinto histórico do tratamento institucional dado às sementes crioulas/tradicionais que resultou em sua marginalização passando da categoria de semente a serem consideradas como grãos, sem valor para o plantio. A primeira lei de sementes no Brasil, de 1965, impedia que materiais crioulos fossem comercializados. Somente em 2003, as sementes crioulas passaram a ser oficialmente reconhecidas e tornou-se obrigatória a sua aquisição em programas públicos de financiamento, distribuição e compra de sementes com a criação do Sistema Nacional de Sementes e Mudas, Lei nº 10.711, de 05 de agosto de 2003. Esta lei objetiva garantir a identidade e a qualidade do material de multiplicação e de reprodução vegetal produzido, comercializado e utilizado em todo o território nacional (BRASIL, 2003). Consta em seu art. 48:

Observadas as demais exigências desta Lei, é vedado o estabelecimento de restrições à inclusão de sementes e mudas de cultivar local, tradicional ou crioula em programas de financiamento ou em programas públicos de distribuição ou troca de sementes, desenvolvidos junto a agricultores familiares.

Com o objetivo de promover a segurança alimentar e nutricional e assegurar o direito humano à alimentação adequada em todo território nacional, foi criada a Política Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (PNSAN), instituída pelo Decreto nº 7.272, de 25 de agosto de 2010 (BRASIL, 2010). Nas disposições da política, fica previsto que seu plano deve conter políticas, programas e ações relacionados à conservação, manejo e uso sustentável da agrobiodiversidade.

Aprovado em maio de 2016, o Plano Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (PLANSAN) define, a fim de promover a produção de alimentos saudáveis e sustentáveis, a estruturação da agricultura familiar e o fortalecimento de

sistemas de produção de base agroecológica (CAISAN, 2016), as seguintes ações voltadas para sementes:

Meta 3.38 - Promoção do acesso e da produção de sementes e mudas varietais e crioulas, por meio do Programa Nacional de Sementes e Mudas da Agricultura Familiar.

Ação relacionada 3.39 - Apoio técnico e financeiro às organizações produtivas e instituições de ensino, pesquisa e extensão, para a implementação e qualificação de unidades de produção, melhoramento, conservação e distribuição de material propagativo vegetal de interesse da agroecologia e produção orgânica.

Para o PLASAN, por exemplo, o Marco de Referência de Educação Alimentar e Nutricional para as Políticas públicas refletiu um momento singular na valorização destas ações. A educação Alimentar e Nutricional (EAN) alcançou um ponto importante de seu processo de construção. Após ter percorrido um longo caminho no sentido de alcançar mudanças conceituais e práticas significativas, atualmente a EAN se insere no âmbito das políticas públicas no contexto da promoção da saúde e da Segurança Alimentar e Nutricional (SAN) (MDS, 2012). O documento aborda como um dos princípios para as ações de EAN a valorização da cultura alimentar local e respeito à diversidade de opiniões e perspectivas, considerando a legitimidade dos saberes de diferentes naturezas, cita que

A alimentação brasileira, com suas particularidades regionais, é uma das expressões do nosso processo histórico e de intercâmbio cultural entre os diferentes povos que formaram nossa nação. Assim, a EAN deve considerar a legitimidade dos saberes oriundos da cultura, religião e ciência. Respeitar e valorizar as diferentes expressões da identidade e da cultura alimentar de nossa população, reconhecendo e difundindo a riqueza incomensurável dos alimentos, das preparações, das combinações e das práticas alimentares locais e regionais. Esse princípio trata da diversidade na alimentação e deve contemplar as práticas e os saberes mantidos por povos e comunidades tradicionais, bem como diferentes escolhas alimentares, sejam elas voluntárias ou não, como por exemplo, as pessoas com necessidades alimentares especiais (MDS, 2012).

A regulamentação do Decreto nº 7.775, de 04 de julho de 2012 que institui o Programa de Aquisição de Alimentos – PAA (BRASIL, 2012), especificamente sua modalidade de Aquisição de Sementes Crioulas, art. 8º, determina que:

Poderão ser adquiridos, no âmbito do PAA, sementes, mudas e outros materiais propagativos de culturas alimentares, até o limite de cinco por cento da dotação orçamentária anual do Programa, respeitados os limites de participação descritos no art. 19, para estimular a produção de alimentos, o combate à pobreza e a promoção da segurança alimentar e nutricional.

(...)

§ 2º - Fica admitida a aquisição de sementes de cultivar local, tradicional ou crioula, a ser destinada ao público beneficiário do Programa conforme o § 4º do art. 9º.

Uma importante lei de incentivo à conservação da agrobiodiversidade é a Política Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica (PNAPO) – Decreto Nº 7.794, de 20 de agosto de 2012 (BRASIL, 2012). Seu plano, Plano Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica (PLANAPO), orienta as instituições governamentais a apoiarem várias iniciativas que fortemente dialogam com estratégias de conservação da agrobiodiversidade. Entre elas vale citar duas que dialogam fortemente com o apoio a conservação local (*in situ/on farm*) e o resgate de sementes escassas ou desaparecidas dos territórios a partir dos bancos de germoplasmas, e uma diretriz, sendo todas relacionadas à promoção do manejo comunitário da agrobiodiversidade (MDA, 2016):

Eixo 4 - apoiar festas e feiras das culturas locais e eventos especializados na promoção e consumo de produtos orgânicos, de base agroecológica da sociobiodiversidade.

(...)

garantir o acesso dos agricultores as sementes conservadas nos bancos de germoplasma da Embrapa

(...)

Diretriz V – valorização da agrobiodiversidade e dos produtos da sociobiodiversidade e estímulo às experiências locais de uso e conservação dos recursos genéticos vegetais e animais, especialmente àquelas que envolvam o manejo de raças e variedades locais, tradicionais ou crioulas.

Especificamente voltada para os povos indígenas, a Política Nacional de Gestão Territorial e Ambiental de Terras Indígenas (PNGATI) - Decreto Nº 7.747, de junho de 2012 (BRASIL, 2012), tem o objetivo de garantir e promover a proteção, a recuperação, a conservação e o uso sustentável dos recursos naturais das terras e territórios indígenas. A política institui no Art. 4º, de seus objetivos específicos, dois eixos relacionados à agrobiodiversidade:

Eixo 4 - promover a recuperação e conservação da agrobiodiversidade e dos demais recursos naturais essenciais à segurança alimentar e nutricional dos

povos indígenas, com vistas a valorizar e resgatar as sementes e cultivos tradicionais de cada povo indígena.

(...)

Eixo 7 – promover e estimular intercâmbios nacionais e internacionais entre povos indígenas para a troca de experiências sobre gestão territorial e ambiental, proteção da agrobiodiversidade e outros temas pertinentes à PNGATI.

Em 2016, foi lançado o Plano Integrado de Implementação da Política Nacional de Gestão Territorial e Ambiental de Terras Indígenas (PII PNGATI) que propõe ações e metas para estabelecer as estratégias de para implementação da política. Destacam-se dois de seus eixos voltados para a proteção dos recursos da agrobiodiversidade. O primeiro, Eixo 4, dispõe sobre os objetivos de identificar as espécies nativas de importância sociocultural em terras indígenas e priorizar seu uso em sistemas agroflorestais e na recuperação de paisagens em áreas degradadas. O segundo, Eixo 5, possui um dos seus objetivos voltado para o fortalecimento e promoção das iniciativas produtivas indígenas, com apoio à utilização e ao desenvolvimento de novas tecnologias sustentáveis (SMITH, 2016). Desses eixos, são ações voltadas. Desses eixos, salientam-se as seguintes ações:

Eixo 4 – a) Identificação e mapeamento da agrobiodiversidade conservada em territórios indígenas; b) Identificação de territórios bioculturais indígenas prioritários para conservação da agrobiodiversidade; c) Promover diálogos agroecológicos entre a conservação in situ/on farm (manejo comunitário da agrobiodiversidade, promovendo o resgate das sementes tradicionais; e d) Apoio e estímulo a projetos de conservação da agrobiodiversidade on farm (na roça) e valorização dos sistemas agrícolas indígenas.

(...)

Eixo 5 – a) Coordenação e promoção, em articulação com instituições parceiras, chamadas públicas de projetos com foco na conservação da agrobiodiversidade; e b) Estudo da agrobiodiversidade e o extrativismo, estabelecer indicadores ambientais e desenvolver ações de melhoria e diversificação da produção, possibilitando retorno por serviços ecossistêmicos, aliando conhecimento tradicional e técnico científico.

Este conjunto de políticas públicas representa um significativo avanço para a conservação de materiais genéticos⁶ no Brasil, estimulando ações e iniciativas institucionais e de base comunitária para valorização dos recursos socioculturais, conservação da diversidade biológica e uso sustentável dos recursos

⁶ Para a CDB, “material genético” significa todo material de origem vegetal, animal, microbiana ou outra que contenha unidades funcionais de hereditariedade (SENADO, 2008).

naturais, como as feiras de sementes, entre outras estratégias e ferramentas de conservação da agrobiodiversidade.

Entretanto, a maioria das iniciativas não têm como ser efetivamente implementadas. Isso acontece tanto por falta de recursos, como também, e especialmente, pela falta de pessoal técnico para implementá-las e torná-las efetivas nos locais onde devem realmente ser realizadas, como, por exemplo, nos territórios indígenas.

1.3. Histórico das Feiras Krahô de Sementes Tradicionais – TO

As atividades com conservação *ex situ* de recursos genéticos no Brasil foram incrementadas na década de 70, quando a Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação – FAO estimulou a formação de uma rede mundial de centros de conservação de recursos genéticos. Em 1974, a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) criou o Centro Nacional de Recursos Genéticos (Cenargen). Concomitantemente com esforços institucionais destinados ao enriquecimento da variabilidade genética, por meio de coleta e intercâmbio com outros países, o Cenargen desenvolveu ações efetivas para conservar, no longo prazo, os recursos genéticos exóticos e nativos. Foi implementado neste Centro, um sistema operacional eficiente e construídas estruturas físicas adequadas para essa conservação. Este sistema destaca-se mundialmente, não só pela forma organizada com que faz a conservação *ex situ*, mas, principalmente, por estar associado a uma rede nacional de Bancos Ativos de Germoplasma (BAG) (GUEDES et al., 1998).

O desaparecimento das sementes cultivadas por povos indígenas e comunidades tradicionais foi constante ao longo da história. A perda de variedades, além de contribuir para a insegurança alimentar e diminuição da diversidade de alimentos, atinge espécies que possuem valor para a cultura e rituais tradicionais. Os Krahô vivenciaram a perda de importantes variedades de milhos, chamados por eles de Põhypeyjakare, Põhypeytucre, Põhypeytohrom ré, PõhypeyCoxàti (SCHIAVINI, 2000). Preocupados com a diversidade de suas roças, os Krahô buscaram auxílio na Embrapa.

De acordo com Dias et al. (2015), essa relação se iniciou em 1994, quando os técnicos do Cenargen os receberam, acompanhados pelo indigenista Fernando Schiavini, da Fundação Nacional do Índio (FUNAI). Essa parceria

estimulou o interesse do povo Krahô em recuperar e manter seus recursos genéticos. A partir dessa união, os Krahô recuperaram as sementes de milhos tradicionais conservadas no banco de germoplasma da Embrapa.

Através dessa iniciativa, o banco de germoplasma da Embrapa (COLBASE) foi aberto pela primeira vez a uma comunidade, para acesso a amostras de recursos genéticos. No ano seguinte, 1995, os Krahô retornaram a Brasília e trouxeram para a Embrapa Cenargen as sementes que foram por eles multiplicadas, num gesto de reconhecimento da importância da conservação *ex situ* realizada pela Embrapa (DIAS et al., 2007).

Motivados pelo resgate de sementes dos bancos de germoplasma da Embrapa, surgiu entre os agricultores e lideranças indígenas a ideia de promover feiras de trocas de sementes para recuperar e conservar esses recursos, dando origem, no ano de 1997, à I Feira Krahô de Sementes Tradicionais (Dias et al., 2015; Moraes et al.; 2014; Schiavini, 2000). Segundo Dias et al. (2015) esses eventos vêm acontecendo periodicamente, tendo sido realizadas, até o momento, nove edições. As feiras têm sido realizadas na sede Associação União das Aldeias Krahô (Kapey), no interior da Terra Indígena (TI) Krahô. As últimas quatro feiras foram realizadas a cada três anos (2004, 2007, 2010 e 2013)⁷ e contam com a participação de diversas etnias indígenas e comunidades tradicionais, pequenos agricultores, pesquisadores, indigenistas e instituições de apoio.

No ano de 2013, entre os dias 15 e 18 de outubro, ocorreu a IX Feira Krahô de Sementes Tradicionais. Foi organizada pela Rede Ipantuw⁸ e Kapey, e também pela Funai (organização logística), Embrapa (organização técnica) e contou com o apoio financeiro da Petrobrás. A programação incluiu a realização de oficinas, reuniões, rodas de conversa e momentos para de troca de sementes e outros produtos de origem da sociobiodiversidade⁹ indígena.

⁷ As edições anteriores ocorreram nos anos de 1998, 1999, 2000, 2002.

⁸ Rede de colaboradores criada em 2012 para apoiar e fortalecer as ações da associação Kapey.

⁹ São bens e serviços (produtos finais, matérias-primas ou benefícios) gerados a partir de recursos da sociobiodiversidade, voltados à formação de cadeias produtivas de interesse dos povos e comunidades tradicionais e de agricultores familiares. Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/perguntasfrequentes?catid=17>>. Acesso: 20 de dezembro de 2016.

1.3.1. O povo Krahô e os aspectos da sua agricultura tradicional

Os Krahô (que se autodenominam Mehim) são um povo que compõe o grupo de povos indígenas falantes da língua Timbira¹⁰, pertencentes à família linguística Jê, e fazem parte do tronco linguístico Macro-Jê¹¹.

Devido a antigos conflitos existentes com fazendeiros no sul do Maranhão, onde habitavam, os Krahô, assim como outros Timbiras, iniciaram um processo de migração no século XIX. Atualmente os Krahô vivem no nordeste do estado do Tocantins, em uma reserva indígena com cerca de 302 mil hectares que é considerada a maior área de Cerrado contínua conservada do Brasil. A TI Krahô, também chamada Kraolândia, localiza-se entre os municípios de Itacajá e Goiatins. Estima-se que existam cerca de 30 aldeias no interior desta TI, atualmente habitadas por cerca de 3.000 indígenas (CASTRO, 2016).

Os Cerrados do Brasil Central são habitados pelos povos do tronco Macro-Jê há centenas de anos. Os Macros-Jês são formados por um grande conjunto de sociedades indígenas, entre eles os Kayapó, os Bororo, os Karajá, os Timbira e os Akwen (Xerente e Xavante) (BAVARESCO, 2009).

Os povos Timbira manejam tradicionalmente os Cerrados há séculos, a partir do amplo conhecimento que detêm sobre os animais, plantas, raízes, frutos, solos e a relação destes com seus mitos e ritos (CTI, 2012). De acordo com Bavaresco (2009), seus territórios atuais são descontínuos, formando pequenas ilhas cercadas por fazendas de criação de gado e pequenos municípios em uma região onde a luta pela posse da terra ainda constitui uma realidade, porém habitam terras indígenas demarcadas e homologadas.

As aldeias Timbiras têm as habitações dispostas em círculo, destacando-se o pátio central, os caminhos retilíneos que o ligam a cada casa e o caminho circular que passa diante das casas. Vistas de cima, essas aldeias têm a aparência de uma enorme roda de carroça, com mais de cem metros de diâmetro (MELATTI, 2016)

¹⁰ São chamados Timbira (falantes desta mesma língua) os povos indígenas: Apinayé, Krahô, Krikati, Gavião Pykobjê, Gavião Parkatejê, Apanjekrá-Canela, Ramkokamekrá-Canela, Krepynkatejê e Krênjê (CTI, 2012).

¹¹ O tronco linguístico Macro-Jê é um dos maiores agrupamentos genéticos de línguas da América do Sul e tem a característica de, apesar de sua considerável amplitude geográfica, situar-se exclusivamente no Brasil. Compõem este tronco doze famílias linguísticas: Bororo, Guató, Jê, Kamakã, Karajá, Karirí, Krenák, Maxakalí, Ofayé, Purí, Rikbáktsa, Yatê (MARTINS et al, 2009).

As práticas agrícolas Krahô baseiam-se no mito da estrela mulher Catxêkwy, que desceu do céu para ensinar ao povo sobre as plantas e sementes que poderiam cultivar como alimento, dando origem à agricultura. Segundo Melatti (1967), diante da sedentariedade imposta pela limitação do território e da decorrente redução da oferta de caça, a agricultura foi adquirindo maior importância na alimentação Krahô, ainda que a carne nunca tenha deixado de ser o alimento mais valorizado.

Na agricultura, localizam suas roças próximas aos corpos hídricos buscando solos mais ricos em nutrientes e sob uma vegetação mais densa. Utilizam a técnica tradicional da coivara, que consiste em realizar a derrubada de uma área de mata nativa, logo após a queima da vegetação, seguida do plantio de diferentes culturas.

O ciclo do calendário agrícola Krahô tem início com a festa de Jât jô pi (literalmente: “tora da batata”), realizada no mês de abril para comemorar a colheita da batata-doce (jât) e, ao mesmo tempo, assinalar o começo da estação seca (BORGES, 2014).

Segundo Borges (2014), a primeira atividade preparatória para instalação de uma roça é o corte da vegetação mais baixa entre os meses de maio e junho. A derrubada das árvores maiores ocorre normalmente no mês de julho. Após a derrubada, é preciso aguardar até o final de agosto para que o mato esteja seco para queimar. Antes, fazem a coivara propriamente dita - a retirada dos galhos e troncos do terreno e a preparação dos aceiros nos limites da roça para que o fogo não atinja o mato circundante. Esta etapa deve ocorrer entre agosto e setembro, necessariamente antes das chuvas para que o fogo deixe a terra pronta para o cultivo.

O início do período do plantio, em setembro, é celebrado com a festa Põhyjökrow (“tora do milho”), que marca a mudança para a estação chuvosa. Várias espécies de milho, arroz, fava, melancia, inhame, banana, abóbora, urucum, cabaça e coité (para confecção de maracás) são plantadas, em momentos distintos, de forma integrada ou intercalada (BORGES, 2014).

Após um período de uso da área, migra-se a roça para outra localidade, concedendo o período necessário de resiliência da biota, processo chamado de rotação de roças. Fatores como a fixação das aldeias e aumento

populacional fazem com que os agricultores voltem a utilizar uma área sem ter dado tempo necessário para sua recuperação total, em consequência, começam a situar os roçados em locais mais distantes das aldeias.

Borges (2014) esclarece que o período do plantio é crítico para a segurança alimentar das famílias Krahô. Nessa época do ano, os Krahô vivenciam o problema da fome sazonal. Também conhecida como “meia fome”, trata-se de um período entre o plantio da roça e a colheita em que há uma escassez generalizada de alimentos, pois a produção agrícola não é suficiente para cobrir as necessidades alimentares de um ano inteiro (*apud* MELATTI, 2009: 153).

Nos anos recentes, uma tendência à desvalorização dos cultivos ancestrais tem sido agravada pela forte atração dos jovens indígenas pelo estilo de vida urbano, o que inclui a preferência pelo consumo de alimentos industrializados (macarrão, biscoito, molho de tomate, café etc.). A combinação desses fatores resultou na perda de conhecimentos sobre técnicas tradicionais de plantio, colheita e conservação de alimentos, muitas das quais associadas à visão cosmológica e à vida social dos Krahô (DIAS et al., 2011).

Tendo em vista as dificuldades enfrentadas pelos Krahô para manter suas práticas agrícolas e garantir suas fontes de alimentos, a Feira Krahô de Sementes Tradicionais (descrita a seguir) aposta no fortalecimento da agrobiodiversidade indígena. Para tanto, os organizadores estimulam algo já existente no sistema agrícola Krahô: a reciprocidade que perpassa vários grupos domésticos de um amplo conjunto de aldeias. A rede de intercâmbios faz com que a troca generalizada conecte os parentes próximos (reais ou classificatórios) de diferentes casas, formando assim um sistema *sui generis* e altamente elaborado de circulação de recursos que extrapola os limites da aldeia. Isso é o que gera a agrobiodiversidade, ou seja, o conjunto de plantas cultivadas, cuidadas ou manejadas e os conhecimentos tradicionais que as pessoas têm sobre elas, seus nomes, suas histórias e formas de cultivá-las (BORGES, 2014).

1.3.2. A participação da Embrapa na IX Feira Krahô de Sementes Tradicionais

Além da troca de sementes, a programação da Feira Krahô é composta por um conjunto de outras atividades formativas e de articulação. A Embrapa, como uma das responsáveis pela realização das feiras Krahô, trouxe para a nona edição

um stand apresentando banners, folders informativos e livros para distribuição. Neste local foi realizada a oficina “Diálogo sobre agroecologia e sementes” oferecida pela equipe da Embrapa Cenargen e a Articulação Nacional de Agroecologia (ANA). Foram levadas hortaliças não convencionais, sementes e tubérculos, distribuídos no término da oficina (Figura 3).

FIGURA 3 - Oficina sobre agroecologia e agrobiodiversidade



Foto da autora, 2013.

A fim de sintetizar e debater as questões levantadas na oficina foi promovida uma roda de conversa, onde a pesquisadora Flávia Londres, da ANA, iniciou uma fala sobre sementes e a agroecologia. A pesquisadora da Embrapa Cenargen, Terezinha Dias, discorreu sobre a importância e objetivos da Feira, colocando em debate assuntos relacionados à agricultura e sementes tradicionais, e abriu o momento para manifestação dos presentes na oficina.

Foram ouvidos os depoimentos de participantes de diversas etnias que realizaram falas sobre suas experiências com as feiras de sementes, as dificuldades e desafios enfrentados para preservar a agricultura tradicional, suas vivências e a importância da feira para recuperação e conservação das sementes. Dando continuidade à oficina, a colaboradora Thâmara Figueiredo, mestra em Ciências Agrárias pela Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, apresentou aos participantes as variedades de hortaliças não convencionais, tubérculos e sementes

cedidas por bancos de germoplasma da Embrapa Milho e Sorgo, Embrapa Hortaliças e Embrapa Recursos Genéticos e Biotecnologia.

Além da participação na organização geral, a equipe de trabalho da Embrapa Cenargen¹² realizou a inscrição dos participantes e identificação das variedades de sementes crioulas expostas para troca. Essas ações resultaram na publicação posterior de resumos e artigos científicos, que apresentam, de forma geral, dados levantados na IX Feira. Esses trabalhos, por sua vez, orientaram a proposição da edição seguinte da Feira Krahô (2016) e serviram de base para esta pesquisa.

2. METODOLOGIA

A partir da atuação na organização técnica da IX Feira Krahô, pude realizar a observação participante, entre junho e agosto de 2013, de todo o ciclo de o planejamento e preparação do evento. Os dados relativos aos levantamentos (de perfil de participantes e espécies e variedades em circulação) foram coletados em viagem de campo à TI Krahô, entre os dias 15 e 18 de outubro de 2013 (período de realização da feira). A feira aconteceu na aldeia sede da Associação União das Aldeias Krahô (Kapey). A programação contou com momentos de troca de sementes, oficinas, rodas de conversa, mostras de vídeos, torneios esportivos indígenas, apresentações e rituais indígenas. (MORAES et al., 2014).

As inscrições dos participantes adultos foram realizadas nos dias 15 e 17 de outubro em fichas previamente preparadas. Foram coletadas assinaturas e obtidos os dados de nome, etnia e/ou instituição (Figura 1).

¹² Equipe coordenada pela pesquisadora Terezinha Dias e composta por mim, Clara S. de Moraes, Larissa R. de Castro e Aguinar Santos, na condição de estagiárias e estagiário da Embrapa Cenargen, além da assistente de pesquisa, Nadi R. dos Santos.

FIGURA 1 - Inscrição dos participantes da IX Feira Krahô de Sementes Tradicionais



Foto de Terezinha Dias, 2013.

A exposição e troca de sementes aconteceram nos dias 16 e 17 de outubro. Ocorreram dois momentos de troca, o primeiro (16/10) aconteceu no período da manhã no pátio central da sede da Kapey, o segundo (17/10) ocorreu no período vespertino na tenda principal do evento, onde foram realizadas apresentações e reuniões (MORAES et al., 2014).

O processo de levantamento das variedades de sementes foi realizado na primeira ocasião de troca (16/10). A coleta de dados das espécies agrícolas foi baseada no método discutido por Boef e Thijssen (2007), chamado “diálogo semiestruturado”. A metodologia consiste na obtenção de informações através de diálogos com pessoas-chave. A diferença entre uma entrevista e um diálogo é que este é uma troca, um fluxo de informações de via dupla. Tendo em vista que os momentos de troca ocorrem em um contexto dinâmico, esta ferramenta se mostrou mais adequada para a execução do presente levantamento por permitir que a coleta de dados seja mais ágil e flexível. Durante o processo, foi desenvolvido um diálogo em que as/os entrevistadas/os, participando ativamente, auxiliaram na quantificação das espécies e variedades que estavam expostas para troca.

Foi utilizada como ferramenta metodológica para registro das informações um questionário semiestruturado (Apêndice A), mediado por questões orientadoras e registro fotográfico (BOEF & THIJSSSEN, 2007). Foram coletadas as informações de etnia/comunidade dos participantes, espécies agrícolas e suas

variedades. De maneira não burocrática, ocorriam as trocas de sementes crioulas, tubérculos alimentares, peças artesanais, entre outros produtos (Figura 2).

FIGURA 2 – Momento de realização das trocas de sementes



Foto da autora, 2013.

Na feira Krahô, as trocas são realizadas no pátio central da aldeia e as variedades de sementes, e outros produtos, são organizadas e dispostas pelos participantes em pedaços de tecidos ou esteiras de palha que são estiradas no chão do pátio, as quais são chamadas de esteiras expositivas.

Por se tratar de uma feira indígena, para análise dos resultados foram consideradas apenas as espécies de sementes e tubérculos alimentares trazidas pelos povos indígenas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1. IX Feira Krahô de Sementes Tradicionais

A conservação da diversidade genética, cultivada nos sistemas tradicionais, possui grande relevância, visto que os agricultores sempre terão que acessar a diversidade genética para lidarem com as condições diferenciadas de ambiente, bem como com as variações do mercado (COSTA, 2013).

A agrobiodiversidade Krahô é produto da circulação de sementes, plantas e conhecimentos relacionados. Nesse sentido, a Feira foi concebida para estimular as pessoas a guardarem suas sementes para trocá-las durante um grande encontro (BORGES, 2014).

A Feira Krahô tem servido de incentivo para outras etnias iniciarem feiras de sementes em suas regiões. Dias et al. (2015) construíram uma linha do tempo onde apresentam algumas feiras de sementes realizadas em terras indígenas no Brasil, posteriores ao surgimento das feiras Krahô, sendo: Feira de Sementes do Povo Xerente – TO (2007, 2008 e 2009); I Raiz, Plantar e Cultura: intercâmbio de raízes e sementes das roças tradicionais do povo Paresi – MT (2010, 2011 e 2012); I Feira Mebengokré de Sementes Tradicionais – PA (2012); Feira Povos Indígenas de Roraima (2012, 2013 e 2014); I Feira de Sementes do Povo Xacriabá – MG (2013); I Feira do Encontro de Produtores Indígenas do Médio Purus (EPIMP) – AM (2014).

As feiras também têm contribuído para outras formas de intercâmbio entre os povos indígenas. Além de trocarem sementes, os povos participantes apresentam suas danças, cantos, histórias, artesanato, pinturas corporais e conhecimentos – o evento constitui, assim, um importante espaço de intercâmbios diversos e valorização cultural (DIAS et al., 2015).

Nesse sentido, a programação da IX Feira Krahô (Anexos A e B), além de mostras de vídeos, apresentações culturais, torneios esportivos e rituais indígenas, ofereceu aos participantes mesas redondas, mediadas por representantes indígenas e de instituições, com as temáticas: 1) Relatos sobre a história e a importância das feiras indígenas; 2) Sementes, agricultura, segurança alimentar indígena e políticas no contexto do desenvolvimento agroecológico sustentável; e 3) Fauna nativa, aquicultura e extrativismo no contexto da soberania alimentar indígena. Também foram ministradas oficinas abordando os temas apresentados a seguir: 1) Alimentação sustentável; 2) Artesanato de capim dourado; 3) Intercâmbio de experiências entre brigadistas Krahô, Kanela e Xerente do Previfogo; 4) Corte e costura; 5) Reciclagem de PETs; 6) Produção orgânica; 7) Diálogo sobre agroecologia e sementes; e 8) Técnicas audiovisuais.

Com um caráter socioeducativo, essas atividades são ferramentas que contribuem para o compartilhamento de saberes populares e científicos, a criação e

prática de tecnologias sociais¹³. Também, colaboram para a construção de ideias que beneficiam o coletivo e cumprem o papel de difusora de conhecimentos.

3.1.1. Perfil dos participantes da IX Feira Krahô de Sementes Tradicionais

O número de participantes indígenas nas feiras cresce a cada edição. Dias (2008) registra que na VII Feira participaram 1.800 pessoas, entre indígenas do povo Krahô e “parentes”¹⁴ de 15 outras etnias, além de acadêmicos e profissionais. Na VIII Feira participaram 2.200 pessoas e delegações de 16 etnias, além dos Krahô (DIAS et al., 2011). A participação não indígena também é crescente. Isso ocorre como resposta à ampliação da divulgação e êxito na realização das feiras anteriores.

Considerando o grande fluxo de pessoas na IX Feira Krahô, estima-se a presença de aproximadamente 2.000 participantes, mensurando os adultos não inscritos e crianças, para as quais não foi obrigatória a inscrição (MORAES et al., 2014).

A IX Feira Krahô foi uma das maiores em termos do número de indígenas participantes. Foram inscritos 857 participantes das etnias indígenas: Krahô, Kayapó, Kanela, Xerente, Krikatí, Paresí, Guajajara, Guarani, Terena, Kaiwoá, Xavante, Kaxinawá/ Huni Kuin, Tapirapé, Bakairí, Javaé, Tembê e Kichwá, totalizando 17 etnias (Tabela 1).

TABELA 1 – Etnias indígenas inscritas na IX Feira Krahô de Sementes Tradicionais

PARTICIPAÇÃO INDÍGENA NA IX FEIRA KRAHÔ DE SEMENTES TRADICIONAIS	
Etnias	Nº de participantes
Krahô	635
Xerente	38
Kayapó	36
Kanela	35
Guajajara	24
Krikatí	22
Kaiowá	15
Paresí	12

¹³ Também chamadas de tecnologias populares, “São produtos, técnicas ou metodologias reaplicáveis e inovadoras, desenvolvidas na interação com a comunidade e que representem efetivas soluções de transformação social às diversas realidades aonde elas se aplicam” (INSTITUTO KAIRÓS). Disponível em: <<http://institutokairos.org.br/tecnologias-sociais>>. Acessado em: 11 de janeiro de 2017.

¹⁴ Forma como indígenas de uma determinada etnia costumam se referir a sujeitos de outras etnias indígenas, destacando assim a condição comum de povos originários do Brasil, aparentados entre si.

Terena	11
Guarani	08
Xavante	05
Kaxinawá/ Huni Kuin	04
Javaé	03
Tapirapé	03
Bakairí	03
Kichwá	02
Tembé	01
Total = 17	Total = 857

Foram inscritos 137 participantes de secretarias, universidades e institutos do Tocantins, Bahia e Brasília, entre outras instituições (Tabela 2). Em vários países, percebe-se o aumento do olhar das instituições de ensino e pesquisa sobre a agrobiodiversidade (SANTILLI, 2015). A presença de representantes de instituições locais, como de outras regiões, tem relevância nesse contexto, tendo em vista que as instituições que organizam as feiras, como a Embrapa e Funai, têm firmado parcerias com ONGs e grupos de agricultores, com apoio de universidades e agências de extensão rural (SANTILLI, 2015). A articulação entre esses guardiões, com apoio de ONGs e de instituições de ensino, pesquisa e extensão, tem resultado em maior motivação das comunidades rurais para o resgate e uso dessas sementes.

TABELA 2 - Instituições participantes da IX Feira Krahô de Sementes Tradicionais

PARTICIPAÇÃO NÃO INDÍGENA NA IX FEIRA KRAHÔ DE SEMENTES TRADICIONAIS	
Instituições	Nº de Participantes
Secretaria de Educação do Tocantins (SEDUC)	29
FUNAI	17
Embrapa	12
Secretaria Especial de Saúde Indígena (SESAI)	08
Universidade Federal do Tocantins (UFT)	08
Eco Terra	07
IBC	05
IBAMA	04
Prevfogo	03
ACDD	02
Instituto Federal de Brasília (IFB)	01
Universidade Federal da Bahia (UFB)	01
Ministério do Desenvolvimento Social e Agrário (MDS)	01
Outros	39
Total	137

No total, estavam presentes etnias indígenas vindas de 8 estados brasileiros e a etnia Kichwá do Equador, país da América do Sul (Figura 3). Também foi registrada a participação da comunidade quilombola Kalunga de Goiás e de pequenos agricultores.



FIGURA 3 – Mapa da localização dos estados/países de origem dos participantes indígenas da IX Feira Krahô

Observa-se que as etnias que se destacam com maior número de participantes (acima de vinte indivíduos), assim como a maior parcela das etnias indígenas presentes na feira, são de estados localizados mais próximos à TI Krahô. Os Krahô representam 74% do total de participantes indígenas inscritos. As etnias com maior participação vêm do Tocantins, estado onde se localiza a TI Krahô, além do Maranhão e Mato Grosso, estados que possuem fronteira com o TO. Também destacam-se em quantidade as etnias que compartilham a mesma língua (Timbira), seguida por aqueles que fazem parte do mesmo tronco linguístico (Macro-Jê) (Tabela 3).

TABELA 3 - Etnias brasileiras participantes, classificadas por troncos, famílias e línguas

Tronco Linguístico	Família Linguística	Dialetos/ Línguas	Etnia	Nº Participantes	Origem (UF)
Macro-Jê	Jê	Timbira	Kanela	35	MA
			Krahô	635	TO
			Krikati	22	MA
		Akwén	Xavante	05	MT
			Xerente	38	TO
	Mebêngôkre	Kayapó	36	MT	
	Karajá	Karajá	Javaé	03	TO
Tupi	Tupi-Guarani	Tenetehára	Guajajara	24	MA
			Tembé	01	PA
		Guarani	Kaiowá	15	MS
			Guarani ¹⁵	08	-
		Tapirapé	Tapirapé	03	TO
Não classificadas em troncos	Aruak	Terena	Terena	11	MS/MT/TO
		Paresí	Paresí	12	MT
	Karib	Bakairí	Bakairí	03	MT
	Pano	Kaxinawá	Kaxinawá	04	AC

Esses dados apontam para um caráter mais regionalizado - e consequente potencial em termos de gestão territorial - das feiras de sementes Krahô. Essa predominância de etnias regionais e de uma mesma língua/tronco linguístico pode ser resultado da influência de uma série de aspectos, como laços de parentesco (ligações de tronco e família linguística), relações sociais e questões de afinidade com as etnias convidadas, bem como pode ser atribuído a uma questão meramente logística: facilidade de deslocamento de regiões mais próximas para a TI Krahô.

Para os povos mais próximos à TI Krahô, a feira pode ampliar e potencializar de forma significativa a circulação de sementes crioulas em âmbito regional, principalmente, entre os próprios Timbira, que, segundo Bavaresco (2009), mantêm intercâmbios variados, desde a troca de serviços (curadores, cantadores) a escambos de adornos e cantos.

Para as etnias vindas de outros estados, além das trocas de sementes, a feira cumpre com um papel demonstrativo. O caso Paresí, já citado anteriormente, oferece um bom exemplo da ideia de difusão das feiras de sementes. Dias et al. (2015) contam que um grupo de indígenas da aldeia Paraíso participou da VIII Feira Krahô e, retornando motivados, resolveram realizar, no mesmo ano, a primeira feira

¹⁵ Não foi especificado pelos participantes a qual grupo da etnia Guarani pertencem.

para reintroduzir e trocar sementes. Assim, passaram a realizar suas próprias feiras na aldeia Paraíso em 2010, 2011, 2012, chamada de “Raiz, Planta e Cultura: intercâmbio de raízes e sementes das roças tradicionais, povo Paresi, MT”.

3.1.2. *Variedades agrícolas identificadas na IX Feira Krahô de Sementes Tradicionais*

Durante a IX Feira Krahô foi observada uma ampla diversidade de sementes e tubérculos alimentares (Figura 4). A interação nas trocas entre os participantes ocorreu natural e espontaneamente, proporcionando momentos de diálogo entre diferentes culturas e intercâmbio de conhecimentos populares da agrobiodiversidade, compartilhado entre os povos indígenas e agricultores de outras comunidades.

FIGURA 4 - Diversidade de sementes em uma das esteiras expositivas



Foto da autora, 2013.

O número de variedades contabilizadas, a seguir, é uma estimativa, baseada na observação das esteiras expostas por povos indígenas nos momentos de troca da feira, ou seja, não considera a participação de sujeitos não inscritos como expositores e nem de outras comunidades ou instituições, mas que tendo levado variedades de sementes consigo, também realizaram trocas.

No total, participaram como expositores 9 etnias indígenas, dentre elas, os Guarani, Guarani Kaiowá, Kanela, Kaxinawá, Krahô, Krikatí, Paresí, Xavante e

Xerente. Esses dados demonstram o cenário diversificado em que se sucederam as distintas trocas de sementes (MORAES, 2014).

Foram registradas 30 esteiras expositivas (correspondentes a expositores indígenas) e identificadas 34 espécies de plantas (Apêndice B). Dessas, 26 são espécies alimentares, contabilizando o total de 106 variedades agrícolas. As espécies com maior número de variedades e identificadas em maior número de esteiras foram: fava – 25 variedades e 19 esteiras; feijão - 15 variedades e 12 esteiras; milho - 14 variedades e 13 esteiras; arroz - 15 variedades e 12 esteiras; e gergelim - 04 variedades e 09 esteiras (Tabela 4).

TABELA 4 - Espécies alimentares e suas variedades identificadas nas esteiras expositivas.

Espécies	Nº Variedades	Nº de esteiras onde foram identificadas
Fava (<i>Phaseolus lunatus</i>)	25	19
Feijão (<i>Phaseolus vulgaris</i>)	15	12
Arroz (<i>Oryza sativa</i>)	15	12
Milho (<i>Zea mays</i>)	14	13
Gergelim (<i>Sesamum indicum</i>)	4	9
Batata (<i>Solanum tuberosum</i>)	4	2
Inhame (<i>Dioscorea</i>)	3	5
Batata Doce (<i>Ipomoea batatas</i>)	3	2
Mandioca (<i>Manihot esculenta</i>)	3	2
Abóbora (<i>Cucurbita</i>)	2	3
Caju/ cajuzinho (<i>Anacardium occidentale</i>)	2	2
Cará/ Carampá (<i>Dioscorea alata L.</i>)	2	2
Jatobá (<i>Hymenaea courbaril</i>)	1	2
Açaí (<i>Euterpe oleracea</i>)	1	1
Abacaxi (<i>Ananas comosus</i>)	1	1
Amendoim (<i>Arachis hypogaea</i>)	1	1
Araruta (<i>Maranta arundinacea</i>)	1	1
Banana (<i>Musa</i>)	1	1
Cana (<i>Saccharum officinarum</i>)	1	1
Caninha (<i>Costus spicatus</i>)	1	1
Coentro (<i>Coriandrum sativum</i>)	1	1
Crotalária (<i>Crotalaria juncea</i>)	1	1
Melancia (<i>Citrullus lanatus</i>)	1	1
Mucuna (<i>Mucuna pruriens</i>)	1	1

Murici (<i>Byrsonima crassifolia</i>)	1	1
Quiabo (<i>Abelmoschus esculentus</i>)	1	1
Total = 26	Total =106	

Outras espécies foram registradas em menor número de esteiras expositivas. O inhame – 3 variedades, foi identificado em 5 esteiras. A batata doce – 3 variedades, e abóbora – 2 variedades, foram identificadas em 3 esteiras. A batata – 4 variedades, mandioca – 3 variedades, caju e cajuzinho – 2 variedades, cará – 2 variedades, e jatobá – 1 variedade, foram encontrados 2 esteiras. Espécies, como o açaí, abacaxi, amendoim, araruta, banana, cana, caninha, coentro, crotalária, melancia, mucuna, murici e quiabo, foram identificadas 1 variedade e encontrados, separadamente, em 1 esteira expositiva (MORAES et al., 2014). O gráfico apresentado a seguir, ilustra a relação entre as variedades das espécies identificadas e o número total de esteiras (Figura 5).

FIGURA 5 - Gráfico da relação entre as espécies alimentares e suas variedades identificadas nas esteiras expositivas



Elaborado pela autora, 2016

Também, foram identificadas espécies não alimentares, como o Tingui, Algodão, Tamboril, Copaíba, Gordura de Anta, Cipó Imbé, Cabaça e Urucum. Algumas possuem propriedades curativas e são utilizadas para fins medicinais, já

outras espécies, como a cabaça e o capim dourado, são comumente utilizadas para confecção de artesanatos, instrumentos musicais e outras finalidades. O urucum, além de medicinal, normalmente é destinado para a pintura corporal e utilizado por muitas etnias indígenas em festas e rituais.

Nas trocas, os Krahô estavam em maior número, com 16 esteiras expositivas. As demais etnias estavam distribuídas em 4 esteiras Krikatí, 3 esteiras Kanela, 2 esteiras Kaiowá, 1 esteira Xavante, 1 esteira Xerente, 1 esteira Guarani, 1 esteira Paresí e 1 esteira Kaxinawá (Tabela 5).

TABELA 5 - Quantidade de esteiras por etnia indígena e espécies alimentares expostas para troca

Tronco Linguístico	Família Linguística	Dialetos/ Línguas	Etnia	Nº de Esteiras	Espécies Alimentares
Macro-Jê	Jê	Timbira	Kanela	3	Fava Feijão Milho Arroz Abóbora Caju
			Krahô	16	Fava Feijão Milho Arroz Gergelim Batata Batata doce Mandioca Abóbora Abacaxi Banana Cana Coentro Melancia
			Krikati	4	Fava Milho Arroz Gergelim Cana
		Akwén	Xavante	1	Feijão Caju Jatobá Crotalária Mucuna Murici
			Xerente	1	Arroz

Tupi	Tupi-Guarani	Guarani	Kaiowá	2	Feijão Arroz Gergelim Quiabo
			Guarani	1	Milho Amendoim
Não classificadas em troncos	Aruak	Paresí	Paresí	1	Mandioca Cará Araruta
	Pano	Kaxinawá	Kaxinawá	1	Jatobá Açaí
Total			09	30	26

As variedades de fava, feijão, milho e arroz, se destacaram em quantidade nas esteiras de etnias que compõe o tronco Macro-Jê. Pode-se inferir que essas espécies são importantes alimentos que compõe os hábitos alimentares desses povos. Observa-se que a fava, por exemplo, foi identificada apenas nas esteiras Kanela, Krahô e Krikatí, todos povos Timbira. Essa informação revela que a fava é um alimento em comum, cultivada e consumida por esses povos indígenas que, além de similaridades culturais, possuem similaridades no cultivo de algumas espécies.

Observa-se que as espécies e variedades levadas pelos participantes para troca, em sua maioria, são identificadas (como material reprodutivo) em forma de sementes. Ainda que os tubérculos alimentares, como a mandioca, a batata doce e o inhame, representem importantes alimentos para os povos indígenas e possuam uma grande variabilidade genética, o resultado do levantamento apresenta baixo número de variedades dessas espécies alimentares nas trocas.

Pode-se inferir que esse fator é resultante de um aspecto simples, como a maior facilidade para o transporte das sementes, ao contrário dos tubérculos que possuem maior peso e volume de carga. Isso pode demonstrar que a circulação dessas espécies ocorre em um âmbito de trocas mais interno, ou seja, de aldeia para aldeia, por exemplo, e menos circulados externamente, como em feiras de troca. Essa informação orienta para a importância de serem pensadas ferramentas para estimular a circulação das variedades de tubérculos alimentares, como também para o desenvolvimento de ações mais específicas e que sejam mais eficientes na sua conservação.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A agrobiodiversidade é fundamental à sobrevivência dos povos e comunidades tradicionais por ser resultado da seleção de espécies, domesticadas e tratadas há milênios (SILVA, 2013). A conservação dessas variedades tradicionais cultivadas pelos povos indígenas é fundamental para a continuidade de práticas e costumes relacionados também à manutenção da identidade cultural.

Nesse sentido, as feiras de sementes cumprem três principais papéis. O primeiro é o de estimular e promover a recuperação e conservação da agrobiodiversidade e dos recursos naturais e genéticos essenciais para a segurança alimentar e nutricional dos povos tradicionais através da circulação de variedades tradicionais entre os agricultores. Como citado em algumas políticas públicas mais atuais (por exemplo, PLANAPO e PNGATI), as feiras atuam através do estímulo e incentivo ao manejo de variedades tradicionais e crioulas e do resgate das sementes tradicionais.

Seu segundo papel é o de contribuir para o intercâmbio de experiências entre povos indígenas, comunidades tradicionais e pequenos agricultores e a troca de saberes e conhecimentos relacionados à agrobiodiversidade. Esse processo ocorre através do diálogo entre os agricultores participantes, bem como através das atividades, como oficinas, rodas de conversa, mostras de vídeos, etc., que são oferecidas nos encontros.

As feiras também têm servido de incentivo para que outras etnias realizem ações como essa em suas regiões, cumprindo um papel demonstrativo, o que colabora na difusão dessas iniciativas. A participação de representantes de instituições é bastante relevante nesse sentido, pois permite a articulação entre ongs e instituições de ensino e pesquisa e os agricultores para o apoio técnico e financeiro na realização de ações voltadas para conservação da agrobiodiversidade e a segurança alimentar e nutricional desses povos.

De forma pioneira, Dias et al. (2014) apresentaram metodologias de monitoramento da agrobiodiversidade nas feiras Krahô. O levantamento e registro dos participantes e das variedades de espécies agrícolas levadas pelos agricultores durante esses encontros é a principal ferramenta de monitoramento das feiras. A partir desses dados é possível verificar a circulação das variedades tradicionais, com a quantificação e qualificação, e se há um aumento de variedades trocadas e

circuladas nos encontros. Também se destaca a importância do registro do número de participantes como método de controle do fluxo de indivíduos nas feiras, o que torna possível a quantificação e caracterização do perfil dos participantes, permitindo analisar o crescimento do número de participantes ao longo das edições realizadas. Essa ferramenta de monitoramento auxilia na verificação da real contribuição das feiras de sementes e qual o impacto que elas geram na conservação *on farm* da agrobiodiversidade

Dias et al. (2014) destacam a importância da realização das feiras de trocas de sementes tradicionais no âmbito regional. Essas ações regionalizadas promovem interações entre etnias indígenas e agricultores que possuem variedades e técnicas agrícolas similares. Isso garante uma maior adaptabilidade das sementes aos ambientes de cultivo e, também, incentiva a produção e valorização de alimentos que compõe a cultura alimentar local, contribuindo de maneira mais eficiente para o intercâmbio de sementes crioulas e conhecimentos tradicionais a elas associados. Cunha (2013), analisando a importância dessa característica cita que

Contar com sistemas locais de sementes permite aos agricultores reduzir os custos de produção e preservar um certo grau de independência em relação ao setor comercial de sementes. Os sistemas de livre intercâmbio de sementes garantem o livre fluxo de materiais genéticos, contribuindo assim para o desenvolvimento de sementes localmente adaptadas e para a diversidade de cultivos. Além disso, estas variedades são mais adaptadas aos ambientes difíceis em que essas comunidades vivem. Elas proporcionam boas produtividades dispensando a utilização de insumos como os fertilizantes químicos. E por não serem uniformes, são mais resilientes aos eventos climáticos ou ao ataque de pragas e doenças. (*apud* DE SCHUTTER, 2009, p. 15).

É importante se ter em mente que os levantamentos das variedades de sementes devem ser realizados de maneira participativa, criando um diálogo de saberes e interação entre a/o entrevistador/a e entrevistada/o. Sugere-se que, além do levantamento de espécies (nome popular) e suas variedades, produtor e aldeia, uma forma de ampliar e enriquecer as informações coletadas é a obtenção do nome na língua indígena (ou a língua materna da/o entrevistado/a) das variedades, quais os usos das variedades nas práticas alimentares (preferências e preparos) e as estratégias de cultivo, qual ou quais variedades expostas possuem maior relevância nas tradições e hábitos alimentares, se há alguma espécie ou variedade em

processo de desaparecimento (qual/quais) e, também, a realização do registro fotográfico das esteiras expositivas identificando a etnia (ou comunidade) pertencente. Essas são formas de melhorar e aprimorar o método de monitoramento das feiras de sementes permitindo que se obtenha um leque maior de dados e informações relevantes, não apenas para o monitoramento, mas também para outros estudos sobre a agrobiodiversidade.

Para além da troca de sementes, é fundamental que essas ações criem um ambiente de diálogo em que seja possível discutir e levantar debates sobre as políticas públicas e direitos dos povos indígenas e comunidades tradicionais, agricultura, agroecologia, meio ambiente, segurança e soberania alimentar, saúde, entre outros assuntos de importância comum ao público presente nas feiras.

A IX Feira Krahô de Sementes Tradicionais teve o importante papel de reunir parte da rica sociobiodiversidade de povos indígenas brasileiros e de países vizinhos, assim como unir saberes, culturas, arte e indivíduos pensando e agindo para realizar ações que busquem a garantia da soberania e segurança alimentar, a conservação da diversidade de sementes, valorização dos produtos da sociobiodiversidade e dos alimentos tradicionalmente cultivados pelos povos indígenas e povos tradicionais.

Espera-se que esta pesquisa colabore para o processo de monitoramento das feiras Krahô e seja um incentivo para as instituições e organizações que apoiam os agricultores na realização de feiras de sementes, a também monitorarem esses encontros, a fim de terem a percepção de sua contribuição e resultados podendo, assim, identificar os pontos a serem aprimorados e melhorados no formato de execução das feiras.

REFERÊNCIAS

BESPALHOK, C. F.; GUERRA E. P.; OLIVEIRA R. Uso e conservação do germoplasma. Melhoramento de plantas. Disponível em: <<http://www.bespa.agrarias.ufpr.br/paginas/livro/capitulo%203.pdf>>. Acesso em 02 de fevereiro de 2017.

BOEUF, WS; THIJSSSEN, MH. Ferramentas participativas no trabalho com cultivos, variedades e sementes. Um guia para profissionais que trabalham com abordagens participativas no manejo da agrobiodiversidade, no melhoramento de cultivos e no desenvolvimento do setor de sementes. Wageningen Internacional, 2007, 87p.

BORGES, J. C. Feira Krahô de Sementes Tradicionais: Cosmologia, história e ritual no contexto de um projeto de segurança alimentar. 2014. 346 f. Dissertação (Pós-Graduação em Antropologia Social). Universidade de Brasília, Brasília – DF.

BRASIL, Decreto Nº 7.794, de 20 de agosto de 2012. Política Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica. Brasília, 20 de agosto de 2012. 191º da Independência e 124º da República.

BRASIL. Decreto nº 7.272, de 25 de agosto de 2010. Política Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional – PNSAN. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Decreto/D7272.htm>. Acesso em: 09 de janeiro de 2016.

BRASIL. Decreto nº 7.747, de 05 de junho de 2012. Política Nacional de Gestão Territorial e Ambiental de Terras Indígenas - PNGATI. Brasília, DF, 05 jun. 2012. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/decreto/d7747.htm>. Acesso em: 25 de outubro de 2016.

BRASIL. Decreto nº 7.775, de 04 de julho de 2012. Programa de Aquisição de Alimentos – PAA. Brasília, DF, 04 jul. 2012. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/Decreto/D7775.htm>. Acesso em: 25 de outubro de 2016.

BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e abastecimento. Lei no 10.711, de 5 de agosto de 2003. Legislação Brasileira de Sementes e Mudas. Brasília: 2003a, 318 p. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2003/L10.711.htm>. Acesso em: 25 de outubro de 2016.

BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Tratado Internacional sobre Recursos Fitogenéticos para Alimentação e Agricultura. Brasília. 2008. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Decreto/D6476.htm>. Acesso em: 20 de dezembro de 2016.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. Convenção sobre Diversidade Biológica. Rio de Janeiro. 1992. 30p.

CAISAN. Câmara Interministerial de Segurança Alimentar e Nutricional. Plano Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional – PLANASAN. Brasília, maio, 2016.

CASTRO, Larissa Ribeiro. Estudos de paisagem aplicados ao etnomapeamento no Território Indígena Krahô no Brasil Central. Universidade de Brasília, Planaltina – DF, 2016, 34p.

CLEMENT, C. R.; ROCHA, S. F. R; COLE, D. M. VIVIAN, J. L. Conservação on farm. In: NASS, L. L. Recursos genéticos Vegetais. Brasília, DF: Embrapa Recursos Genéticos e Biotecnologia, 2007.

COSTA, Flávia Malaquias. Diversidade genética e distribuição geográfica: uma abordagem para a conservação on farm e ex situ e o uso sustentável dos recursos genéticos de milho do Oeste de Santa Catarina. 2013. 211 f. Dissertação (Pós Graduação em Recursos Genéticos Vegetais). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, Santa Catarina.

CTI. Centro de Trabalho Indigenista. Plano de Gestão Territorial e Ambiental das Terras Indígenas Timbira. Associação Wyty-Cate dos povos Timbira do Maranhão e Tocantins. Uberlândia, 2012.

CUNHA, Flavia Londres. Sementes da paixão e as políticas públicas de distribuição de sementes na Paraíba. 2013. 184 f. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Instituto de Florestas. Seropédica, Rio de Janeiro.

DE SCHUTTER, O. The right to food - Seed policies and the right to food: enhancing agrobiodiversity and encouraging innovation. Report of the Special Rapporteur on the right to food. United Nations General Assembly, July 2009. 22p. Disponível em: <http://www.srfood.org/images/stories/pdf/officialreports/20091021_reportga64_seed-policies-and-the-right-to-food_en.pdf>. Acesso em 06/07/2013.

DIAS, T. A. B.; ZARUR, S. B. B.; ALVES, R. B. N.; COSTA, I. R. S.; BUSTAMANTE, P. G. Etnobiologia e conservação de recursos genéticos, o caso do povo Craô, Brasil. Embrapa Recursos Genéticos e Biotecnologia, Brasília, DF, 2007, p. 651-681.

DIAS, T. Conservação in situ/ on farm em áreas indígenas. Palestra. II Simpósio Brasileiro de Recursos Genéticos. Brasília. p. 51. Anais. 2008.

DIAS, T.; MORAES, C. S.; CASTRO, L. R.; MACIEL, M. Feiras de sementes em terras indígenas brasileiras. MEMORIAS DEL V CONGRESO LATINOAMERICANO DE AGROECOLOGÍA. La Plata, Argentina, 2015.

DIAS, T.; SCHIAVINI, F.; RABELO, N.; SILVA S.; ARATANHA, V.; KRAHÔ, G.; KRAHÔ, M.; KRAHÔ, F.. Estratégias de conservação da agrobiodiversidade indígena: feiras Krahô de sementes tradicionais. SIRGEALC, Equador, 2011.

DIAS, T.A.; BUENO, Y.M.; RODRIGUES, L.M.R.; SCHIAVINI, F. Primeiro processo de anuência prévia informada do Brasil. P. In: Udry, C.; Eidt, J.S.(Ed). Conhecimento Tradicional: conceitos e marco legal (Coleção Povos e Comunidades Tradicionais, vol 1). Embrapa Informação Tecnológica. 2015a. p 289-309; 344p

DIAS, T.A.B.; PIOVEZAN, U.; SANTOS, N.R.; ARATANHA, V.; SILVA, E, O. Sementes tradicionais Krahô: história, estrela, dinâmicas e conservação. *Revista Agriculturas: experiências em agroecologia*. v.11, n.1 (Farming Matters. Fundação ILEIA. v.30, n.1), AS-PTA. 09-14p. 2014.

GENEFLOW. Bioersivity International. Via del Ter Denari 472/a. 00057 Maccarese. Rome Italy.64p, 2009.

GOMES, J. C. C.; ASSIS, W. S. *Agroecologia: princípios e reflexões conceituais*. Embrapa, Brasília – DF, 2013, 245 p.

GUEDES, A. C.; GOEDERT, C. O.; BUSTAMANTE, P. G. Convenção Sobre Diversidade Biológica Artigo 9 - Conservação Ex Situ. Grupo de trabalho temático 3. p. 37. Brasília, Outubro, 1998.

HARLAN, J.R. *The living fields: Our agricultural heritage*. Cambridge, UK: Cambridge Univ. Press, 1995. 271p.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo Demográfico 2010. Características gerais dos indígenas - Resultados do universo. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/95/cd_2010_indigenas_universo.pdf>. Acesso em 08 de setembro de 2016.

LONDRES, Flavia. Sementes da diversidade: a identidade e o futuro da agricultura familiar. *Agriculturas*, v. 11 - n. 1, abril, 2014, p. 4-8.

MACHADO, A. T.; MACHADO, C. T. T. *Manejo da diversidade genética do milho em sistemas agroecológicos*. Planaltina, DF: Embrapa Cerrados, 2009, 94 p.

MACHADO, A. T.; SANTILLI, J.; MAGALHÃES, R. *A agrobiodiversidade com enfoque agroecológico: implicações conceituais e jurídicas*. Embrapa Informação Tecnológica, Brasília, DF, 2008. p. 13 - 31.

MARTINS, A.; CAMARGOS, L.; COSTA, L.; MIRAND, M. CAUSATIVIZAÇÃO EM LÍNGUAS DO TRONCO MACRO-JÊ: PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES. *Anais do SILEL*. Volume 1. EDUFU, Uberlândia, 2009.

MAXTED, N.; HAWKES, J.G.; FORD-LOYD, B.V.; WILLIAMS, J.T. A practical model for in situ genetic conservation – complementary conservation strategies. In: MAXTED, N.; FORD-LOYD, B.V.; HAWKES, J.G., eds. *Plant genetic conservation*. London: Chapman & Hall, 1997. p.339-367.

MDA. Ministério do Desenvolvimento Agrário. *Brasil agroecológico: Plano Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica – Planapo*. Câmara Interministerial de Agroecologia e Produção Orgânica. Brasília, DF :, 2016.

MDS. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. *Marco de referência de educação alimentar e nutricional para as políticas públicas*. Secretaria Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional. Brasília, DF, 2012.

MELATTI, J. C. Áreas Etnográficas da América Indígena Tocantins-Xingu. DAN-ICS-UnB. Brasília – DF, Cap. 1, retocado, 2016.

MELATTI, J. C. Índios e Criadores: a Situação dos Krahô na Área Pastoril do Tocantins. Rio de Janeiro, UFRJ, 1967.

MMA. Agrobiodiversidade e diversidade cultural. Ministério do Meio Ambiente. Brasília, 2006. 82 p.

MORAES, C. S.; CASTRO, L. R.; SANTOS, N. R.; CAVALCANTI, T. F. M; SANTOS, A. S. DIAS, T. Povos indígenas e agrobiodiversidade: identificação dos participantes e variedades agrícolas da IX feira krahô de sementes tradicionais. IV Seminário de Agroecologia do Distrito Federal e Entorno, 2014, Brasília - DF.

NODARI, Rubens Onofre; GUERRA, Miguel Pedro. A agroecologia: estratégias de pesquisa e valores. CIÊNCIA, VALORES E ALTERNATIVAS II Estud. av. vol.29 no. 83, São Paulo Jan./Apr., 2015.

SANTILLI, Juliana. A Lei de Sementes e os seus impactos sobre a agrobiodiversidade. Hiléia - Revista do Direito Ambiental da Amazônia, nº 13, Jul – Dez, 2009, p. 79-113.

SANTILLI, Juliana. A proteção dos conhecimentos tradicionais associados à agrobiodiversidade. Agosto, 2010.

SANTILLI, Juliana; BUSTAMANTE, Patrícia G.; BARBIERI, Rosa L. Agrobiodiversidade. Coleção Transição agroecológica. Brasília, DF : Embrapa, 2015. 308 p.

SCHIAVINI, F. Estudos etnobiológicos com o povo Krahô. Tópicos atuais em botânica. Brasília, DF: Embrapa Recursos Genéticos e Biotecnologia: Sociedade Botânica do Brasil, 2000. p.278-284. Palestras convidadas do 51º Congresso Nacional de Botânica.

SENADO. Convenção sobre Diversidade Biológica e Legislação Correlata. Brasília : Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 2008. 87 p. (Coleção Ambiental; v. 10).

SILVA, M. T. A importância da agrobiodiversidade na (agri)cultura camponesa. In: ICPJ. A agricultura camponesa e as energias renováveis. Porto Alegre: ICPJ, 2008. p.46-8.

SILVA, Sayonara Maria Oliveira. Alimentos, restrições e reciprocidade no ritual Xavante do Wapté mnhõno (Terra Indígena Marãiwatsédé, Mato Grosso). Brasília, 2013. 189 p.: II. Dissertação de Mestrado. Centro de Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília, Brasília/DF.

SMITH, M.; STIBICH, G. R.; GRUPIONI, L. D. B. Plano Integrado de Implementação da Política Nacional de Gestão Territorial e Ambiental de Terras Indígenas. Projeto GATI, Funai, Brasília, 2016.

ANEXO B - Programação da IX Feira Krahô de Sementes Tradicionais

Dia 14/10/13 (segunda-feira)		Mesa de abertura Boas vindas – Getúlio Krahô – (Coordenador da Associação União das Adeias Krahô – Kapey & Rede Ipatuw). Instituições Participantes – Fundação Nacional do Índio (Funai), Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), Instituto do Desenvolvimento Rural do Estado do Tocantins (Ruralins), Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA), Ministério da Cultura (MinC), Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS), Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), Ministério da Educação (MEC), Peritoras (MME), Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (Consea), Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC), Secretarias estaduais e prefeitura municipal de Itacajá e Colinas; Associação dos povos indígenas do Brasil (APB), Articulação Nacional de Agroecologia (ANA), Rede Cerrado.	
18h	Rituais Krahô	18h – 22h	Mostra de vídeos
20h – 22h	Cantorias no pátio e apresentações culturais	22h	
Dia 15/10/13 (terça-feira)			
6h	Rituais Krahô	6h	Rituais Krahô
8h – 9h30	Panel 1 – História da estrela mulher Cakákwy: origem da agricultura Krahô	8h – 9h30	Panel 2 – O papel da Embrapa no contexto da conservação e promoção do uso das sementes tradicionais indígenas (Embrapa)
9h30 – 9h	Panel 3 – O papel da Funai no contexto da valorização das sementes tradicionais indígenas (Funai)	9h – 9h30	Panel 4 – Segurança alimentar, sementes e sustentabilidade de povos e terras indígenas (MDS)
9h30 – 10h	Panel 5 – Agro biodiversidade e mercados: ameaças e perspectivas (ANA)	10h – 10h30	Panel 6 – Boma Cerrado: desafios para a conservação de biodiversidade (Rede Cerrado)
10h30 – 11h	Debate	11h – 12h	Mesa redonda 1 – Relatos sobre a história e a importância das feiras indígenas (Representantes indígenas)
14h – 18h	Mostra de vídeos	18h	Rituais Krahô
20h – 22h	Apresentações culturais tradicionais do povo Krahô e etnias visitantes	22h	
Dia 16/10/13 (quarta-feira)			
6h	Rituais Krahô	6h	Rituais Krahô
10h	Recepção de autoridades	10h	Troca de sementes (pátio central K3) e avaliação para a premiação agro biodiversidade
11h	Mesa redonda 2 – Sementes, agricultura, segurança alimentar indígena e políticas no contexto do desenvolvimento agroecológico sustentável (MDA, MDS, Conab, Funai, Embrapa e ANA).	14h – 17h	Rituais Krahô
18h	Mostra de vídeos	18h	Mostra de vídeos
20h – 22h	Apresentações culturais tradicionais do povo Krahô e etnias visitantes	22h	
Dia 17/10/13 (quinta-feira)			
6h	Rituais Krahô	6h	Rituais Krahô
8h – 12h	Troca de sementes (pátio Central K3)	8h – 12h	Mesa redonda 3: Formação de agentes agroflorestais na conservação da biodiversidade e gestão territorial (Agentes Agroflorestais Indígenas / ACRE, Funai, Embrapa)
14h – 17h	Cerimônia de plantio de mudas	14h – 17h	Mesa redonda 4 – Fauna nativa, aquicultura e extrativismo no contexto da soberania alimentar indígena (Embrapa Pantanal, Embrapa Aquicultura e Pesca, Agentes Agroflorestais Indígenas (Acre), Funai)
17h – 18h	Rituais Krahô	17h – 18h	Apresentações culturais tradicionais do povo Krahô e etnias visitantes
19h – 20h	Mostra de vídeos	19h – 20h	
20h – 22h	Apresentações culturais tradicionais do povo Krahô e etnias visitantes	22h	
Dia 18/10 (sexta – feira)			
6h	Rituais Krahô	6h	Rituais Krahô
9h – 12h	Divegação da premiação “Agrobiodiversidade Krahô”.	9h – 12h	Mesa redonda 5 – Avaliação final do evento – Rede Ipatuw
14h – 18h	Torneios esportivos indígenas	14h – 18h	Torneios esportivos indígenas
20h – 22h	Confirmação de inscrições	20h – 22h	Confirmação de inscrições
Dia 19/10/13 (sábado)			
10h – 12h	Avaliação final do evento – Rede Ipatuw	10h – 12h	Avaliação final do evento – Rede Ipatuw
14h – 18h	Torneios esportivos indígenas	14h – 18h	Torneios esportivos indígenas
19h – 21h	Confirmação de inscrições	19h – 21h	Confirmação de inscrições
Atividades Paralelas - Oficinas			
Dia/Horário		Programação	
15/10 (8h – 12h)	15/10 (14h – 18h)	15/10 (8h – 12h)	15/10 (14h – 18h)
Oficina 1 – Alimentação sustentável (Instrutores: Josué e Manuela Souza; Ivance Tarune, Raquel Rákhwyj).	Oficina 2 – Artesanato de capim dourado (Instrutor: Washington Xerente)	Oficina 3 – Intercâmbio de experiências entre brigadistas Krahô, Canela e Xerente do Previ – Fogo (Instrutores: Cassiana Moreira/ Previ-Igo, Juliano Pletto / Funai, Francisco Hyrô Krahô / Funai)	Oficina 4 – Conte e costura (Instrutora: Jessi Krahô)
Oficina 5 – Reciclagem de PETs (Instrutora: Ângela Xavier)	Oficina 6 – Produção orgânica (Instrutora: Patrícia Rezende/Superintendência Federal de Agricultura)	Oficina 7 – Diálogo sobre agroecologia e sementes (Instrutora: Flávia Londres / ANA e Terezinha Dias / Embrapa)	Oficina 8 – Técnicas audiovisuais (Instrutores: Andre Cunnityc, Vitor Astarha, Rodrigo Soares, Eduardo Iscchpe)
*Programação sujeita a modificações.			

APÊNDICES

APÊNDICE A - Questionário semiestruturado utilizado na coleta de dados das variedades agrícolas da IX Feira Krahô de Sementes Tradicionais

Questionário - Levantamento de variedades agrícolas (Sementes Crioulas e Tubérculos) IX Feira Krahô de Sementes Tradicionais			
Data:			
Local:			
Etnia/Comunidade	Aldeia/Produtor	Espécie	Variedades

APÊNDICE B - Relação de espécies agrícolas e suas variedades identificadas na IX Feira Krahô de Sementes Tradicionais

Nº	Etnia	Espécies	Variedades
1	Guarani	Milho	Milho Branco, Milho Pipoca
		Amendoim	-
2	Guarani Kaiowá	Feijão	Feijão de Corda
		Urucum	-
3	Guarani Kaiowá	Arroz	Arroz (2 tipos)
		Gergelim	Gergelim Preto
		Feijão	Feijão (7 tipos)
		Quiabo	-
4	Kanela	Feijão	Feijão Vermelho
		Arroz	Arroz (4 tipos)
		Fava	Fava Vermelha, Fava Bege, Fava Bege Pintada, Fava Branca, Fava Caranchô, Fava Preta Rajada, Fava Preta Pintada.
		Milho	Milho Amarela (espiga)
		Urucum	-
5	Kanela	Fava	Fava Grande, Fava Pequena, Fava Vermelha, Fava Preta, Fava Branca Rajada de Vermelho, Fava Rajada de Preto
		Milho	Milho Amarelo (espiga)
6	Kanela	Fava	Fava Rajada de Vermelho, Fava Preta, Fava Preta com Vermelho, Fava Marrom, Fava Branco com Vermelho
		Urucum	-
		Caju	-
		Abobora	-
7	Kaxinawá	Açaí	-
		Jatobá	-
		Inhame	-
8	Krahô	Fava	Fava Vermelha, Fava Branca, Fava Pintada, Fava Bege
		Arroz	Arroz Rabo Grande
		Milho	Milho Verde (espiga)
		Gergelim	Gergelim Misto
		Capim Dourado	-
		Urucum	-
9	Krahô	Arroz	Arroz (2 tipos)
		Fava	-
		Mandioca	Mandioca Mansa, Mandioca Brava
10	Krahô	Arroz	Arroz (6 tipos)
		Fava	Fava (5 tipos)
11	Krahô	Gordura de Anta	-
		Gergelim	-
12	Krahô	Milho	Milho Amarelo (espiga)
		Cabaça	-
		Fava	-
13	Krahô	Fava	Fava Preta, Fava Pintada, Fava Amarela, Fava Caranchô
		Arroz	Arroz Rabo Comprido (alcheti), Arroz

			Ligeiro (crucreti)
		Milho	-
		Capim Dourado	-
		Macacheira	Macacheira (3 tipos)
14	Krahô	Fava	Fava Branca grande
		Feijão	Feijão Andú Branco, Feijão Andú Preto
		Capim dourado	-
15	Krahô	Arroz	Arroz (5 tipos): Arerú Tugré, Arerú Pancri, Arerú Yrati (de asa) Arerú Capegré, Arerú Caprecti
		Milho	Milho (espiga)
		Inhame	Inhame Branco
		Batata Doce	Batata Doce com entrecasca vermelha
		Feijão	Feijão Andu
		Fava	Fava Carachô, Pancrat Topapê
		Cabaça	-
16	Krahô	Feijão	Feijão Andu
		Fava	Fava Preta, Fava Pintada, Fava Bege
		Gergelim	Geregelim Bege, Gergelim Claro, Gergelim Escuro
		Inhame	Inhame Cará
17	Krahô	Feijão	Feijão Andu Pintado
		Fava	Fava Vermelha, Fava Branca
		Cará (Carampá)	Carampá (cará)
18	Krahô	Batata Doce	Batata Doce Branca, Batata Doce Rocha
		Batata	Batata Amarelinha
		Milho	Milho Híbrido(comprado), Milho Branco (ligeiro)
		Feijão	Feijão Trepá Pau
		Tamboril	-
		Inhame	Inhame Branco (cará)
		Fava	-
		Capim Dourado	-
19	Krahô	Milho	Milho Amarelo, Milho Vermelho (espiga)
		Gergelim	-
20	Krahô	Gergelim	-
		Arroz	Arroz (3 tipos)
		Fava	Fava Branca, Fava Pintada
		Cabaça	-
		Algodão	-
		Batata	Batata Amarelinha, Batata Roxa, Batata Branca
		Banana	-
		Abacaxi	-
21	Krahô	Urucum	Urucum Vermelho
		Tingui	-
22	Krahô	Fava	-
		Feijão	Feijão Andu
		Abobora	-
		Arroz	Arroz Ligeiro
		Gergelim	Gergelim Branco
		Cabaça	-
		Urucum	-
23	Krahô	Arroz	Arroz (4 tipos)

		Algodão	Algodão Branco, Algodão Marrom
		Gergelim	Gergelim Preto, Gergelim Branco
		Inhame	Inhame Figado de Veado, Inhame Carampá
		Feijão	Feijão Andu, Feijão Bege, Feijão Cinza, Feijão Cinza com Bege
		Abóbora	-
		Melancia	-
		Cabaça	-
		Caninha	-
		Fava	Fava Vermelha, Fava Branca, Fava Preta com branca
		Coentro	
24	Krikati	Fava	Fava Pintada, Fava Bege, Fava Branca, Fava Preta, Fava Vermelha
		Cana	-
		Milho	Milho Pipoquinha (espiga)
25	Krikati	Fava	Fava Bege, Fava Preta Avermelhada, Fava Preta, Fava Pintada de Bege, Fava Bege com Preto, Fava Branca com Preto
		Milho	Milho Pipoquinha Vermelho (espiga)
26	Krikati	Tingui	-
		Arroz	Arroz Bacaca, Arroz Agulha, Arroz Agulha Vermelho, Arroz Cateto
		Fava	Fava Pintada.
27	Krikati	Milho	Milho Vermelho e Preto (espiga), Milho Vermelho Alaranjado
		Gergelim	Gergelim Preto, Gergelim Branco
28	Parecí	Batata Doce	Batata Roxa
		Cará	-
		Araruta	Cará
		Mandioca	Maniva
		Milho	-
29	Xavante	Crotalária	-
		Feijão	Feijão de Porco, Feijão Andu
		Mucuna	Mucuna Cinza
		Copaíba	-
		Cajuzinho	Cajuzinho Baru
		Jatobá	-
		Tingui	-
		Murici	-
		Imbé	-
30	Xerente	Arroz	-
		Capim Dourado	-
	Total = 09	Total = 26	Total = 106